

GALERIA REPUBLICANA

Editor e proprietario — JOÃO JOSÉ BAPTISTA

Director: — Magalhães Lima. — Collaboradores: — Augusto Rocha, Alexandre da Conceição, Alves da Veiga, Anselmo Xavier, Bruno, C. Goodolphim, Ernesto Pires, Gomes Leal, Gerio Vaç, J. F. de Rosiers, José J. Nunes, Latino Coelho, Lopes Trovão, R. Cardozo, Reys e Sousa, Roberto Valença, Rodrigues de Freitas, Silva Lisboa, Teixeira Bastos, Theophilo Braga, Trigueiros de Martel, etc., etc.

PHOTOGRAPHIAS DE ANTONIO MARIA SERRA

Numero 41

Setembro — 1883

2.º anno

GOMES DA SILVA (FRANCISCO)

Era uma creança em 1860. Tinha apenas sete annos. A mãe acariciava-o com todo o amor de mãe, os irmãos traquinavam por todos os cantos da officina do pae, o pae tresuava no afan do trabalho honrado para manter a todos.

A creança de então parecia o mais velho dos pequenos da casa pela sisudez, pelas sentenças, e era quasi o mais novo.

As scenas realistas da vida intima dos operarios bons e laboriosos, têm muito de sublime quando não ha treguas para a paz do lar, quando os velhos se acercam dos novos em cathese que lhes lapida o espirito no diamante da virtude, e quando elles, os paes, patriarchas da familia, invocam toda a força dos seus braços, toda a energia do seu espirito para melhorarem a sorte dos filhos, que, na phrase velha, são *bocados da nossa alma*.

Em casa dos progenitores de Gomes da Silva havia alegria e trabalho; tristezas e virtude; um pae como ha poucos; uma mãe, e muito d'aquelle amor que só as mães sabem ter; uns rapazes travessos como todos os que se destinam ás lides das officinas; uma menina, irmã mais velha, enlevo de todos, respeitada pelos irmãos como se fôra sua monitora, e com quem Gomes da Silva trocava as aspirações mais delicadas da juventude.

O pae de Gomes da Silva conheço eu. É um excellente modelo, digno de ser imitado. Os contornos singelos d'este bom homem, representam uma individualidade que já não pertence a esta epocha, nem é d'esta sociedade, onde a commenda e o habito faz fé como testemunho de tabellião em escriptura de banqueiro, ou dá apresentação a quem a não tem por outros titulos.

É um d'estes homens chãos e honestos, ainda conhecidos por *portugaes velhos*, que da officina passou ao serviço publico e ahi tem servido o paiz e ganho a estima de todos os que lhe ficam acima e abaixo, com as armas que ornem as panoplias dos que professam na cavallaria do dever e da honra.

Gomes da Silva tambem o conheço. Ca-

be-me a honra de fallar d'elle n'este momento, grave para mim, infeliz para elle, tão digno de melhor apresentação n'esta galeria de homens illustres por mil motivos, e de republicanos do velho e moderno movimento revolucionario.

politico de longe, quando a politica mal se comprehende uma sciencia de profunda observação da natureza humana, que o mesmo é dizer com *Garnier-Pagé* — uma sciencia da organização social e da direcção da sociedade para um fim — e quando nos parece o que é para todos os inexperientes: coisa facil.

Assim eu vi pela primeira vez Gomes da Silva.

Foi em novembro de 1878. Redigia eu no *Partido do Povo*, que em Coimbra com a melhor boa fé e dedicação defendia abertamente e sem rodeios as doutrinas republicanas. Gomes da Silva redigia na *Democracia*, que em Lisboa representava, como ainda hoje representa, o elemento opportunisto do partido republicano.

Naquelle epocha o *Partido do Povo* inspirava-se, no que dizia respeito a questões geraes do partido, na opinião de um cavalheiro, que em Lisboa parecia dirigir o movimento do grupo que se apresentava radical, e como este cavalheiro, acompanhado por outros que ainda hoje são uma gloria do partido republicano pelas suas tradições e pelo seu saber, seguisse por caminho opposto ao do grupo opportunisto, o *Partido do Povo* por vezes combateu a *Democracia* e o procedimento politico do grupo que ella representava.

Fazia-o, porém, de tal forma que ainda hoje, quando o tempo e os acontecimentos parece juntaram a todos no mesmo pensamento partidario, nos apraz ler as apreciações de então.

Em o n.º 59 de 14 de novembro de 1878, quando mais ferida estava a lucta entre os dois grupos republicanos de Lisboa, dizia o *Partido do Povo* em primeiro artigo:

«Nós e, em geral, os nossos correligionarios d'aqui só conhecemos o Centro de Lisboa pelas poucas relações officias que comnosco tem mantido, e, em tudo, temos sido dirigidos pela maior boa fé e entranhado amor e desinteressada dedicação á causa da Republica. Conservando-nos, sempre, alheios a qualquer divergencias e intrigas que ali tenha havido, temos procurado collocar-nos em um ponto onde a independencia e a conciliação sejam possiveis, abstrahindo das



GOMES DA SILVA (FRANCISCO)

Vêr os vultos confusamente sem se lhes poderem determinar as formas com verdade e nitidez, o mesmo é vêr a luz atravez de nevoas, caminhar por discos de penumbra sem que se possa atingir o foco luminoso.

Semelhaamente é apreciar um homem

individualidades, para unicamente attender á collectividade de todo o partido, pugnano pelos principios sem olhar á qualidade particular das pessoas.

«Nestas circumstancias estamos com todos os que se dizem republicanos, federalistas ou unitaristas; pouco importa, por enquanto, discriminar diversidades de systema de constituição e organização, do qual mais as circumstancias do que a vontade dos homens não-de decidir praticamente.

«*Nós somos federalistas*, e desejamos ver realiado, em proporção com as nossas circumstancias, um vasto plano de descentralisação não só administrativa, mas tambem politica desde a parochia até á provincia, desde a mais insignificante aldeia até á mais rica e populosa cidade, se bem que reconhecemos a possibilidade de ser obrigados a aceitar a *Republica unitaria* como meio provisório ou transitório para chegar á *Republica federal*, verdadeira forma do governo democratico.»

«Os applausos do Directorio do Centro Eleitoral Republicano Democratico de Coimbra ao acto praticado pelos cidadãos Latino Coelho, Oliveira Marrecia, Bernardino Pinheiro e outros, não significa de modo algum, applauso e subservencia para com aquelles cidadãos, que sem duvida, muito respeitamos e prezamos, por que nos inspiram inteira confiança e lealdade do seu caracter e o seu exemplar comportamento, como sinceros democraticos e republicanos intrepidos e coherentes.»

Mais apaixonado pelos principios da emancipação social que lia nos livros, do que observador do movimento politico que então o partido progressista levantava no paiz atacando de frente o rei e cavando ruínas ás instituições, parecia-me que a Republica era coisa feita entre nós, e muito mal se compadeciam com o meu animo irrequieto, bellico até, as hesitações que se me afigurava ver em parte do partido republicano de Lisboa, hesitações ampliadas por largas historias que da capital me levava o correio.

Mas o dia da revolução não chegava. Os revolucionarios ou se escondiam ou os não havia; (o mesmo que hoje, e já lá vão bons cinco annos). O meu enthusiasmo pela republica pedia a cabeça do rei.

O *Diario de Noticias*, porém, dizia todos os dias:

S.S. MM. e altezas passam sem novidade...

Oh! pois isto é assim, dizia eu.

Dei largas ao furor. Atirei de Coimbra o meu tiro; desfechei sobre a *Democracia*.

A *Democracia* nem palavra. Seguiu com a sua bella prosa politica, e com a bella litteratura de Magalhães Lima em bem contornados folhetins.

Atirei mais.

A *Democracia* nem dava pelos tiros.

Estava para queimar as ultimas escorvas, quando na 1.^a pagina d'aquelle diario apparece um paladino: foi em o n.º 1:500, que tenho de memoria.

Fiquei satisfeitissimo. Não conhecia nem sabia quem era o antagonista; mas vi logo que tinha deante de mim um republicano que vinha dizer-me, o que ainda, talvez, se possa dizer hoje com pequenas modificações. Discutimos sem que ficassem feridos os brios e convicções de cada um, sem que chegassemos a conclusões que o tempo se encarregou de demonstrar.

Era Gomes da Silva o antagonista; soube-o mais tarde em Lisboa. Conheci-o, pois, pela primeira vez lutando com elle no campo da argumentação. Elle pensava como hoje pensa, eu passava por um periodo peculiar a muitos que cantaram en-

deixas com os passarinhos nas margens do Mondego, ao mesmo tempo que se convenciam da verdade das theorias sociologico-revolucionarias, sem que as soluções positivas no campo da realidade os preoccupassem demasiadamente.

D'estes, depois, ao entrarem no mundo dos bachareis, quantos rasgaram o pacto que haviam feito com as suas consciencias, como haviam rasgado a Carta Constitucional e demonstrado a força da materia, nas lições, nas sabatinas, nos clubs e nas reuniões publicas!!... Não os contemos para não molestar muita gente.

Pouco depois da nossa polemica encontramos-nos em Lisboa e, nem sei como, aproximamo-nos sem forma de apresentação.

Não me lembra se recordámos os botes que haviamos jogado um ao outro na contenda que haviamos sustentado; o que sei é que trocámos um abraço como affirmação de boa amizade, que o decorrer dos annos cada vez mais radica.

Reportemo-nos a 1862. Gomes da Silva tinha então 9 annos e já n'elle se podiam notar os melhores traços de um rapaz de estudo, as mais pronunciadas manifestações de um esplendido talento.

O pae procura aproveitar-lhe as tendencias e matricula-o no curso do conservatorio.

A creança estudava e vivia alegremente, fazia progressos no estudo, era estimada dos mestres e tinha em cada discipulo um amigo.

Um dia accorda ouvindo os soluços do pae, vindo em cada irmão as faces inundadas de lagrimas. Tudo era tristeza e desolação na casa do modesto operario. A morte tinha ferido o ente mais querido da familia. O cadaver da mãe de Gomes da Silva recebia os beijos e o ultimo adeus d'aquelles que tanto amara em vida.

O pae e os irmãos abraçavam-se todos, choravam em commum, e em momento tão solemne, aquellas lagrimas e, aquelles abraços não traduziam só o mais profundo pezar, a mais crueante dor; serviam tambem de protesto de eterna e indissolavel amizade, que os annos mais accentuam no meio da familia de Gomes da Silva.

Morta a mãe a educação de Gomes da Silva mudou completamente de rumo. O pae contou os seus recursos em haveres, e entendem dever procurar os meios de garantir aos filhos, futuro e subsistencia. Gomes da Silva foi destinado ao commercio.

Não era este o modo de vida que mais se harmonisava com o temperamento já impressionavel de Gomes da Silva, naturalmente generoso e despreoccupado, mas a vontade do pae foi obedecida e o pequeno estudante que não sabia reagir, deu entrada na vida commercial, onde o fastio, a repugnancia e as suas repetidas lamentações, convenceram o pae de que havia errado a vocação do filho.

Gomes da Silva voltou aos estudos e deixou o commercio. Uma creança ainda, não tardou em dar provas da sua applicação e aproveitamento, ganhando os primeiros diplomas litterarios em exames publicos.

Um pouco mais tarde as circumstancias da familia, que quasi nunca são prosperas para quem vive do trabalho, levaram o estudante a abandonar novamente as occupações da sua predilecção, os seus livros de estudo e a bella litteratura com que em tão verdes annos educava o espirito nas horas em que os condiscipulos brincavam.

Frequentava então um collegio onde era professor um caracter honesto e generoso, Antonio Filippe da Silva, que ha muito concluiu o curso de agronomia e veterina-

ria, e que actualmente administra as propriedades reaes de Alter do Chão.

Este cavalheiro conhecera as aptidões de Gomes da Silva; vira como as lagrimas berbulhavam nos olhos da creança ao lembrar-se que tinha de abandonar os seus estudos; sabia que a falta de recursos era a determinant que levava para outros caminhos quem se achava bem no campo das letras e quem tinha esphera larga a percorrer.

O honrado professor compenetrado da situação de Gomes da Silva, chama-o um dia e offerece-se, cheio de prazer — como quem tem a consciencia de praticar uma acção nobilissima, — para seu lecionista, gratuitamente, em sua casa.

Imagine-se a alegria e o reconhecimento de Gomes da Silva, e com que pezar teve de responder a tão generoso offerecimento com estas palavras:

— Mas não tenho livros!...

— Não se amofine por isso, disse-lhe Filippe da Silva, tenho eu os meus e estão ao seu dispor.

Gomes da Silva aceitou o offerecimento tão espontaneo e generoso do bom amigo, que o destino lhe deparava, e, em companhia de Alfredo Lamas — excellente moço que desceu ao tumulo na vespera de alcançar os galões de segundo tenente da armada — uns dias ao amanhecer, outros depois da noite, frequentou a casa de Antonio Filippe da Silva e assim se habituou ao portuguez, se familiarizou com os auctores latinos, e estudou algumas sciencias naturaes, ao mesmo tempo que frequentava cadeiras do Instituto Industrial e Commercial de Lisboa.

Trez annos decorreram passados entre o commercio e as letras, dualismo que entre nós não chega a ser paradoxal, mas que nem sempre se recomenda pela homogeneidade.

Caetano Rovere era o negociante que, por fortuna, tinha sob sua vista a educação commercial de Gomes da Silva.

Rovere não tinha como o negociante indigena o profundo horror ás letras. Estimava-as, privava com ellas e por isso o reputavam no mundo illustre o negociante mais letrado da praça e tambem o mais infeliz.

Chegamos ao periodo das paixões; dos grandes e sublimes ideaes em que o pensamento não se detem com as coisas terrestres e se eleva ás christalinas regiões do bello, que os loucos sonhos da mocidade mais ampliam e dilatam; em que se sobe a uma montanha, e se acha acanhado um horizonte perfeito; em que se desce a um vale e por uma intuição dominada por estravagantes e risonhas phantasias se desenham a todas as côres os mysterios da natureza, que se manifestam nos vergeis, nos pomares, nas ceáras, nas nuvens e nas constellações; em que o immenso oceano ao quebrar as ondas nos cachôpos ou ao desdobral-as na praia, parece um leão enfraquecido; em que a placidez dos lagos, que serve de espelho ás estrellas e de foco á pallida lua infunde o respeito pelo mysterioso e vago; em que os acontecimentos heroicos dos grandes homens, se reflectem em a nossa mente a ponto de nos julgarmos tambem heroes; em que, finalmente, o cerebro em vigorosa elaboração, cria todas as imagens, dá ao espirito todas as aspirações e todos os anseios. E' assim nos temperamentos delicados como o de Gomes da Silva.

Neste periodo sonhava elle coisas extraordinarias. Quantas vezes a sua carteira de caixeiro se lhe afigurava a tribuna gloriosa de um grande orador, a banca de estudo de um grande philosopho!

Lia então, fóra dos seus estudos, os me-

lhores litteratos portuguezes e francezes.

Dumas filho era o seu auctor predilecto. *La Dame aux Camélias* enternecia-o até ás lagrimas; a reabilitação da corteza deixava-o extenuado de prazer e dôr.

Le Roman d'une femme, Diane de Lys, Vie à ringt ans educaram-lhe o espirito na verdade da observação e na exactidão dos quadros, caracteres peculiares á maneira do auctor do *Demi-monde*, e que tanto se reflectem nos escriptos e discursos de Gomes da Silva.

* * *

Durante os trez annos que Gomes da Silva se conservou em casa de Caetano Rovere, estudou o que Antonio Filippe da Silva lhe ensinava, algumas cadeiras do *Instituto Industrial e Commercial de Lisboa*, lia bons romances e fazia versos.

Publicava-se então em Lisboa a *Illustração Popular* e ahi fez o nosso biographado as primeiras africanas litterarias.

A leitura amena porém, não satisfazia por completo a curiosidade de Gomes da Silva, que procurava conhecer nos livros de historia o movimento dos povos e, no movimento politico, o seu gráu de progresso.

Na historia do paiz encontrava heroes dedicados pelas regalias publicas, sobre as quaes meditava largas horas, e encontrava tambem os satellites do absolutismo que lhe desafiavam ondas de indignação.

Herdeiro da fé democratica, que era a biblia da sua familia, e tambem o evangelho levantado na tribuna parlamentar por homens da estatura de Fernandes Thomaz, Santos Cruz, Leonel, Derramado, Silva Passos, Mousinho da Silveira, José Estevão e tantos outros que affirmaram a sua devoção pela liberdade humana, uns nas memoraveis constituintes de 1820, outros nas de 1837 e nas sessões ordinarias do parlamento,—Gomes da Silva, sente-se inflamado pelas vivificadoras chammadas do amor da patria, offendida profundamente pelos actos barbarescos do despotismo, pela intolancia catholica e por aberrações sem numero d'aquelles que, mais de perto, influíam na causa publica, e procura dar largas a puras expansões pela demanda dos opprimidos, pelos alevantados e eternamente sublimes principios republicanos, que *sem respeito* pelos diques levantados pela colligação dos monarchas, invadem todas as fronteiras dos Estados civilizados sem que a onda soprada pelos Dantons, Robspierres e Marats nos fins do seculo ultimo tenha diminuido de vagalhão.

Entre nós taes principios começavam a ter um culto franco e á luz dia.

Novo ainda mal podia lançar-se n'as luctas pacificas que homens feitos e experimentados agitavam na imprensa e na tribuna; precisava, porém, bem servir os proprios instinctos, e alimentar a nobre paixão que sentia agitar-lhe todas as fibras.

Gomes da Silva queria guerra ás monarchias, que symbolisam o privilegio para poder ser soldado contra ellas; queria começar a lucta.

— Como o fazer?!

— Não havia meio.

Tinham terminado as pugnas contra a legitimidade; não havia clubs onde pudesse entrar, nem conspirações. O paiz era socegado como os lagos serenos; o povo procurava enriquecer com o trabalho as pequenas e grandes industrias; a burguezia, no commercio, augmentava os capitães; multiplicavam-se as vias de comunicação; sybilava a locomotiva; subiam os fundos; finalmente, a época era desgraçada para um revolucionario.

Apezar de tudo, Gomes da Silva vivia inquieto

— Não ha liberdade para todos, dizia elle.

E proclamava os direitos do homem e do cidadão que o grande *La Fayette* — cuja memoria acaba de receber consagração condigna, em Puy, do altivo povo francez, — levára á aprovação dos eleitos do povo.

Os homens nascem e se conservam livres e eguaes em direitos. As distincções sociaes só podem ser fundadas na utilidade commum. Era este o primeiro artigo dos *Direitos do homem e do cidadão*, é o credo que Gomes da Silva, desde os primeiros passos na vida politica, jámais esqueceu, ou lhe deixou de prestar preito e homenagem na imprensa republicana e na tribuna de que é ornamento.

* * *

Quando estudante, Gomes da Silva, para dar expansão ás suas ideias politicas, ajudou a fundar uma sociedade de rapazes á qual presidia o symbolo do amor á humanidade, o retrato de *Victor Hugo*, auctor do *Châtiments*, das *Contemplations* e do *le Roi s'amuse*.

Ali discutiam-se as mais transcendentas questões politico-sociaes. Casimiro Dantas, Julio de Magalhães, Alves Torgo, José de Sousa, João Ferreira da Silva, Cunha Lamas, Cunha e Silva, Dias da Silva, Alvaro Possollo, Eduardo Ferreira, Gomes da Silva e outros, faziam parte d'aquelle grupo de jovens revolucionarios, que ameaçavam nas suas sabatinas e discursos amiguar o existente.

De todos elles alguns pairam na litteratura amena, outros são distinctos ornamentos do nosso functionalismo militar e civil, dois apenas, Gomes da Silva e José de Sousa, cavalheiro tão sympathico como dedicado republicano, manifestam publicamente e em toda a parte as doutrinas que, como aspiração, os reuniu, rapazes, sob a presidencia do retrato de *Victor Hugo*.

Começa n'esta sociedade a actividade politica de Gomes da Silva, nunca enfraquecida desde aquella época, antes desenvolvendo-se progressivamente á medida que o conhecimento dos homens e dos acontecimentos o habilitavam para os trabalhos de uma constante propaganda.

Vivia aflastado do meio onde mais se podiam manifestar as suas facultades, quando um dia um velho republicano, novo na idade—Victoriano Braga,—com cuja amizade me honro e a quem a causa da Republica muito deve desde o começo do seu movimento na ultima decada, o foi arrancar ao seio da familia para o conduzir ao convívio dos elementos republicanos.

Acabava de se fundar na capital o *Centro Republicano de Lisboa*, d'onde primeiro e com mais intensidade irradiaram os vivos reflexos da ideia nova.

Filiado n'aquelle centro foi logo eleito membro da commissão de propaganda, a que presidiu o velho e honrado democratico Sousa Brandão, e aceitou o encargo de a representar na sessão solemne de 24 de agosto, anniversario da gloriosa revolução de 20, em que devia ser inaugurado na sala principal do Centro, o retrato de José Estevam.

* * *

Chega o dia da festa.

Estavam reunidos todos os socios do *Centro Eleitoral Republicano* de Lisboa, centros filiados e muitas senhoras. O entusiasmo de todos, celebrando o 58.º anniversario da revolução de 1820, correspondia ao elevado pensamento que allí os reunia.

Presidia Sousa Brandão tendo á sua direita Victoriano Braga e á esquerda Ferreira Mendes.

Depois de Elias Garcia falla Gomes da Silva.

Jayme Victor (julgo que formava então na esquerda dos revolucionarios) recita um poema. A orchestra executa um hymno, que a ex.^{ma} sr.^a D. Julia Castro Guedes Ribeiro Franco Braga compozera expressamente para glorificar os heroes de 20. As bandeiras de todas as republicas da America e da Europa formavam tropheus que decoravam as paredes.

Foi n'esta festa que Gomes da Silva se iniciou na politica republicana.

Gomes da Silva escrevera um opusculo onde a largos traços faz o elogio e a biographia do tribuno mais completo dos nossos tempos, escripto que não sabemos se mais prima pela belleza da forma se pela elegancia do conceito.

A assembléa avaliou a producção do nosso correligionario em prolongados applausos e felicitações. Elias Garcia, o mestre, saudou-o com um abraço de amigo. Era a primeira vez que Gomes da Silva fallava ao democrata mais consequente do nosso paiz, com quem, desde então tem conservado cordeas relações politicas e pessoais.

Demonstradas as aptidões do nosso biographado, Gomes da Silva recebe convite do mallogrado Santos Lima, o prototypo da abnegação o sempre chorado dos amigos, para fazer parte da redacção da *Democracia*.

Acceptou e entrou em trabalhos activos do jornalismo tendo por collegas Elias Garcia, Osorio de Vasconcellos, Santos Lima, Teixeira Simões, Ferreira Mendes, Caetano Pinto e Magalhães Lima.

Por essa epocha uma commissão de patriotas organisava um comicio para se representar em favor do registro civil.

Estavam inscriptos para oradores Elias Garcia, Henrique Midosi e Magalhães Lima. Gomes da Silva é convidado pela commissão para tomar parte e usar da palavra na assembleia popular.

Os progressistas, então, alliados com a fracção intransigente do partido republicano, preparam-se para dominar o comicio e dirigi-lo para os seus fins politicos. Por parte d'elles os ataques ao grupo opportunistas eram vigorosos e accentuadamente hostis; tudo indicava que no comicio se levantaria grande lucta. E n'estas circumstancias, que Gomes da Silva vaç receber o baptismo publico em assembleias populares.

Chega o dia da grande reunião. A concorrência é enorme. Os progressistas e alguns republicanos federaes accumulam-se em grande numero no *Circo Price*. Logo nos primeiros movimentos se notam claras hostilidades á presidencia, occupada pelo chefe do grupo opportunistas.

Falla Alfredo Ausur, orador ardente, apaixonado, eloquente e domina a assembleia com o poder da sua palavra. Já então as soberbas rajadas tribunicias que envolviam o pensamento revolucionario eram a corrente electrica que agitava a alma popular.

Os progressistas acceptaram a doutrina exposta por Alfredo Ausur e pizeram-se do lado d'elle.

Henrique Midosi e Magalhães Lima não estavam presentes.

Gomes da Silva estava no seu posto, encarregado de apresentar uma moção.

Vae usar da palavra.

A assembleia protesta contra o uso da palavra que lhe era concedida, e rompe em um alarido enorme formado por palmas e pateadas.

Gomes da Silva cruza os braços e espera.

A tempestade applacou, o nosso biographado lê a moção com toda a serenidade.

Ao outro dia dizia-se:

—Foi um desastre a posição de Gomes da Silva no comício; foi um acontecimento o discurso de Alfredo Ansurs!

Tinha vencido um partido monarchico. Hoje que são decorridos cinco annos é que se sabe de quem foi a victoria.

* * *

Como orador é uma das notabilidades do partido republicano.

A sua palavra é ardente, medida, elegante e, quando se deixa dominar pelo sentimento, sae-lhe collorida como as mais bellas inspirações dos poetas que suspiram se desenhem a figura gentil da odalisca, que choram ante o tumulto do ente idolatrado, que voam pelas dilatadas regiões da idealisação deante dos phenomenos grandiosos da natureza.

O seu estylo, que, segundo Bufon, tanto é escripto como fallado, é superabundante e impetuoso como um rio. Se as suas opiniões são impugnadas, então como o rio que bate em soberbas rochas, a eloquencia, espirra por onde encontra saída e vai inundar a grandes distancias.

Educado na escola do romantismo, os seus discursos e escriptos por vezes revestem a forma lyrica que pouco a pouco vão perdendo, para tomarem traços positivos que a observação dos factos e das coisas aconselham.

Assim o vemos por vezes evocar das profundezas da historia os mais bellos quadros para os applicar a proposito ampliados com formas brilhantes, creadas pela sua arrojada phantasia.

Artista como orador aproveita a arte como meio para fazer vingar a sua these; para mesmo nos vãos da imaginação, no encadeamento dos conceitos, preparar a opinião dos que o ouvem em favor do que quer demonstrar.

No meio das tempestades é calmo.

Por vezes ironico, não se deixa arrastar pela paixão partidaria; põe de parte as tentações do sophisma e jámais deixou de prestar justiça a quem a merece sejam amigos ou inimigos.

É este o grande traço da sua boa fé.

Disse um dia Paul Bert: *je critique les lois, au lieu de les apprendre.*

E fazia a revolução nos codigos, legislava no meio das necessidades publicas.

Esta famosa intuição possuiu tambem Gomes da Silva, quando a situação o leva a discutir os principios mais delicados da politica ou da philosophia.

Quando impugnado, os seus discursos, são perfectos exercicios de esgrima: ferem como um florete. Defendendo-se como um mestre d'armas ataca com violencia deixando quasi sempre o adversario mal ferido. E com tudo se é arrogante e valeroso contra a violencia é sempre generoso no combate contra os fracos.

Sympathico na tribuna pôde d'elle dizer-se o que Alfredo de Vigny disse a proposito de Benjamin Constant: *Noble profil. Des formes folies et gracieuses. Homme du monde e homme de lettres, alliance rare, assemblage exquis.*

Assim o annuncio de um discurso de Gomes da Silva é o maior *reclame* para se encher um centro republicano onde elle vá fallar em sessão solemne ou conferencia publica. A sua entrada nas assembleias populares é sempre annunciada por um movimento geral dos circumstantes que formam cerco ao orador.

As proprias damas, quantas vezes, são as primeiras a disputar a primazia de receberem as amabilidades do sympathico tribuno, que andam engatilhadas para todos os recontros. E depois Gomes da Silva vai a todas as centros populares e em todos faz ouvir a sua palavra; vai a todos os enterros de republicanos e sempre des-

afia as lagrimas dos correligionarios, que o ouvem á beira dos tumulos.

Ha dias em que entre o romper da bella aurora e a meia noite os centros republicanos fazem cinco, seis, ou uma dezena de sessões solemnes; pois os jornaes do dia seguinte contam que Gomes da Silva fallou em todos! Isto só admittindo-se que o dom da ubiuidade reside em o nosso biographado.

Victorien Sardon ganhou cinco francos por dia para formar o espirito moderno a um meio mahometano e meio christão, Gomes da Silva forma generosamente com a sua palavra, nos centros politicos, o espirito republicano.

* * *

Como jornalista é tão delicado, ameno e vigoroso como orador.

Tenho tido a honra da sua camaradagem nos jornaes *da Republica*, que fundei nos fins do anno de 1879; no *Tempo* que de accordo fomos arrancar do campo monarchico, e agora na *Democracia Portuguesa* onde se tem conservado desde a sua entrada no serviço activo do jornalismo.

Ahi, nas longas noites da redacção, tenho tido occasiões de o apreciar como homem de letras e como amigo, de lhe avaliar o seu nobre caracter e de conhecer quantos dotes dignos de admiração lhe exornam o espirito.

Se como diz G. Cherville, apreciando Jules Claretie como redactor do *Diogenes*, a rapidez da execução é um dos caracteres do jornalista, Gomes da Silva é sem duvida um dos jornalistas mais promptos que conheço. Escreve sempre, está sempre bem disposto para todos os assumptos, não o incommodam nem a conversação nem as polemicas que se levantam em volta d'elle, e acaba de escrever quando é preciso, sem nunca esgotar o bom humor e a ironia caustica com que arrepella os adversarios.

A bella forma dos seus escriptos e a maneira litteraria que n'elles usa quer sejam polemica, quer estudos sociologicos ou politicos, fizeram Gomes da Silva conhecido no mundo das letras e a sua penna tem sido reclamada por vezes por directores eminentes de publicações litterarias, e até por directores da imprensa politica.

Assim em o nosso movimento jornalístico tem elle figurado: como redactor do *Dez de Março* do Porto, posição que abandonou quando as conveniencias da empresa lhe impunham restricções á livre manifestação do pensamento politico; como correspondente da *Folha Nova*, substituindo Jayme Segurier, — um dos escriptores mais delicados da moderna pleiade— que durante muito tempo occupou um lugar distinctissimo na folha republicana do Porto, Gomes da Silva apezar de ter contra si o confronto com Jayme Segurier, manteve-se na redacção da *Folha Nova* com applauso de todos que o liam.

A feição eminentemente litteraria, que já havia manifestado na *Republica*, accentua-se na secção *Nas galerias*, que durante os trabalhos parlamentares tem redigido na *Democracia*, secção que desafiou a curiosidade de muitos homens importantes na politica e nas letras, que quizeram conhecer o celebre *Justus* que rindo castigava e delicadamente corrigia.

Pinheiro Chagas foi um dos que d'elle se aproximou, convidando-o para fazer parte da redacção do *Jornal do Domingo*, onde Gomes da Silva escreve regularmente umas engraçadissimas chronicas da semana.

* * *

A frequencia das associações, principalmente do Centro promotor dos melhora-

mentos das classes laboriosas, escola dos nossos melhores oradores populares, deulhe a pratica da discussão e o tino para conhecer os intuitos e a feição das grandes assembleias.

No *Centro Eleitoral Republicano Democratico* occupou cargos eminentes e ahi o foram buscar alguns eleitores do circulo 95 para o elegerem presidente do *Club Mousinho da Silveira* a cujos destinos preside, estimado pelos socios d'aquelle club e com louvor do partido republicano, que nas ultimas eleições municipais o distinguu pelos seus merecimentos incluindo-o na lista camararia.

Se a popularidade de um cidadão se pôde aferir pelos sufragios populares, ficou provado que Gomes da Silva tem innumeras sympathias na cidade, pois que o seu nome obteve perto de 4:000 votos.

A priori aceita todos os pensamentos generosos sem se importar da sua origem.

Quando os chefes do partido republicano viviam completamente separados uns dos outros, em virtude dos acontecimentos dos ultimos mezes de 1878 e cutros, procuramos elle, Gil Carneiro, Coelho da Silva, Quintão, eu e ainda outros, trabalhar para que se approximassem elementos que de commum accordo necessitavam resolver em favor da causa da democracia. Gomes da Silva foi o primeiro a aceitar um tal pensamento e foi em sua propria casa que se começaram os primeiros trabalhos, que seguiram com vantagem e tiveram por epilogo o congresso republicano, d'onde saíu o directorio do partido, composto de elementos que durante algum tempo parecia viverem em antagonismo.

Se tivéssemos de o encargar como revolucionario diriamos que é um revolucionario *gante*, que são os melhores dos revolucionarios.

A proposito uma historia e terminemos este artigo com que Gomes da Silva nada tem a ganhar.

A sua reputação politica e litteraria, a sua vida como homem, não precisam de certo das cores desmaiadas da nossa paleta, sem brilho nem a composição apropiada para o relevo que o quadro merece. Os toques mesmo ahi ficam incompletos e quiza desconexos.

Vamos á historia a proposito de revolucionarios *gantes*:

— Em 1867 o czar de todas as Russias visitou Napoleão III em Paris.

Aquelle symbolo do despotismo visitou tambem tudo o que havia de notavel na grande cidade.

Ao entrar no palacio da justiça foi recebido por um advogado distincto que o saudou delicadamente dizendo-lhe em seguida com voz grave e firme:

— Viva a Polonia!

Era Floquet.

A comitiva fica estupefacta, o czar das Russias volta rapidamente para a sua curruagem.

A portinhola estavam dois outros advogados que secundam as saudações de Floquet e acressentam:

— Viva a Polonia!

Eram Salvétat e Gambetta.

Estava feito o protesto em favor da liberdade.

Gomes da Silva é capaz de protestar assim contra o despotismo.

20 — 9 — 83

FELIO TERENAS.

EXPEDIENTE

Por motivos alheios á nossa vontade só hoje podemos distribuir os numeros relativos a 31 de agosto e 15 do corrente mez de setembro.